

## **Hércules, o herói civilizador**

**Jan Duarte**

Quando o assunto é mitologia, muitas vezes nos deparamos com ramificações interpretativas cujo conteúdo vai muito além das fantásticas e deliciosas histórias contadas pelos mitos. Normalmente resultado de colagens feitas ao longo de séculos, misturando lendas populares, acontecimentos reais romantizados, simbolismos os mais diversos, e sistematizados muito mais tarde por poetas e escritores que já não dominavam a linguagem simbólica que os originaram, os mitos muitas vezes ocultam, numa capa de fantasia e aparente incoerência, a própria alma do povo que os gerou.

Nesse sentido, as histórias dos heróis mitológicos costumam ser ainda mais ricas do que aquelas das divindades. Estas últimas costumam apresentar formatos arquetípicos, ligados à expressão da religiosidade de um povo ou, pelo menos, de uma determinada sociedade, tornando-se assim, pelo menos em linhas gerais, menos mutáveis. Já os heróis, têm a própria dinâmica do povo que os cria, e costumam agregar em suas "vidas" a vivência de incontáveis gerações. Eu arriscaria dizer que, se os deuses representam a forma como um povo enxerga o mundo à sua volta, os heróis representam a forma como ele enxerga a si próprio.

Hércules, o grande herói grego, filho de Zeus e da mortal Alcmena, e por isso mesmo alvo do eterno ódio de Hera, esposa de Zeus, é um exemplo dos mais completos. Tantas histórias se entrelaçam ao tronco central da narrativa de sua vida e dos seus feitos que seria impossível tentar ordená-las cronologicamente. Tantas são as aventuras a ele atribuídas que estas se tornaram fonte inesgotável para romancistas e roteiristas de cinema. Aqui, no entanto, vamos nos ater apenas ao eixo principal e mais conhecido dessas histórias - os famosos "Doze Trabalhos" - mesmo assim sem a menor pretensão de esgotar, ou ao menos arranhar um tema tão vasto, mas somente no intuito de dar ao leitor elementos para que ele chegue às suas próprias conclusões.

Os Doze Trabalhos de Hércules constituem, na verdade, uma penitência imposta ao herói. Após matar a própria família durante um surto de loucura, Hércules se põe humildemente a serviço do rei Eristeu, para cumprir uma série de tarefas que seriam inexequíveis para um simples mortal. Na verdade, tanto a loucura quanto a forma de expiar suas culpas foram artifícios engendrados pela deusa Hera, com o intuito de dar cabo do herói.

Os Doze Trabalhos foram: matar o Leão da Neméia, animal fabuloso de pele invulnerável que aterrorizava a região. Matar a Hidra dos pântanos de Lerna, monstro de muitas cabeças. Capturar a corça de Cerinéia. Capturar um javali monstruoso que provocava devastação no monte Erimanto. Limpar os imensos estábulos do Rei Augias. Livrar a cidade de Estínfale de aves antropófagas. Capturar o touro de Creta. Capturar as terríveis éguas antropófagas do rei Diomedes. Tomar o cinturão de Hipólita, rainha das amazonas. Capturar o formidável rebanho de bois de Gerião. Furtar os frutos de ouro do Jardim das Hespérides e, por fim, descer aos infernos e capturar Cérbero, o cão de três cabeças.

Ao contrário do que muitos podem pensar, ao ler ou ouvir falar sobre as proezas do herói, estas não se passam exclusivamente em territórios do que viria a ser a Grécia. Na verdade, elas acontecem em diversas regiões da Europa mediterrânea, da Ásia Menor, do norte da África e mesmo em regiões míticas ou de localização incerta, como a Hiperbórea. Essa variedade de cenários nos dá uma primeira pista sobre o significado e a antiguidade do mito dos trabalhos de Hércules: eles provavelmente estão associados à chegada na Península Balcânica e posterior expansão da civilização micênica, remontando, portanto, à Idade do Bronze e a pelo menos meio milênio antes dessas histórias começarem a ser sistematizadas na saga do herói.

Tendo em mente essa primeira observação, podemos começar a nossa análise. Primeiramente é preciso notar que, ao sistematizarem-se as lendas – provavelmente a partir de histórias populares preservadas de memória – o é obrigado aos seus trabalhos a partir de um episódio de fúria desenfreada – de barbárie – e devemos lembrar que era como "bárbaros" que os gregos classificavam todos os não-gregos. Portanto, a jornada de Hércules ao longo de seus doze trabalhos demonstra seu progresso, ainda que forçado pelos deuses, de bárbaro a civilizado, refletindo o próprio progresso da civilização grega desde a barbárie. Note-se ainda que, para esse progresso ser possível, o herói deve submeter-se a um rei – justamente Eristeu, rei de Micenas – ou seja: precisa submeter-se a uma forma de organização estatal, ainda que primitiva e despótica.

Se excluirmos a perseguição à corça cirenaica – que julgo possível ter sido acrescentada posteriormente ao conjunto – e a descida aos infernos para capturar Cérbero – tema iniciático recorrente nas sagas heróicas –, poderíamos dividir os trabalhos de Hércules em dois grandes grupos: os trabalhos de cunho *sanitário*, ou de domesticação do território, e aqueles de *conquista de povos ou de técnicas*.

No primeiro grupo, podemos entrever a luta do herói contra uma série de dificuldades naturais: animais selvagens são exterminados, como o leão europeu (que os antigos cronistas descrevem como maior e mais perigoso que seu correspondente africano, e contra o qual os gregos moveram caça implacável até sua extinção), ou o javali selvagem. A Hidra de Lerna, com suas muitas cabeças que renasciam ao serem cortadas, provavelmente é uma alusão simbólica às fontes de água que alimentavam ou formavam um pântano insalubre. Os currais do rei Augias, que exalavam um gás mortal, eram certamente local semelhante, ainda mais se levarmos em conta que Hércules desviou o curso de dois rios para limpá-los. Aves de rapina são expulsas dos arredores de uma cidade. Em seus primeiros trabalhos, portanto, o que vemos é o herói incumbido, pelo rei micênico, de tornar a terra habitável.

No segundo grupo, temos os trabalhos de *conquista*: capturar o "touro" de Creta, por exemplo, pode ser uma alusão simbólica à derrocada da civilização minóica, suplantada pela micênica, além de conter uma alusão ao combate da bestialidade: afinal, das relações sexuais entre este touro e a esposa do rei cretense Minos, Pasífae, surgira o terrível Minotauro. Note-se também que o segundo grupo dos trabalhos de Hércules quase sempre o leva à terras distantes e ao contato com outros povos, além de colocá-lo, frequentemente, não mais como o campeão solitário, mas sim à frente de um exército ou expedição de conquista.

Talvez o melhor exemplo seja a campanha do herói em busca do pomo das Hespérides. Para consegui-lo, Hércules precisou antes enfrentar o gigante Anteu. As Hespérides eram filhas de Atlas, assim como a mulher de Anteu, Tingis. O gigante Anteu, por sua vez, era filho de Gaia - a Terra - e era infatigável, pois recebia as suas forças diretamente de sua mãe, através do solo. Por três vezes Hércules derrubou Anteu, mas este, ao tocar o solo, recobrava suas forças e retornava à batalha. Hércules venceu-o, por fim, quando levantou-o no ar, tirando o seu contato com a terra.

Essa passagem, de colorido romântico, se torna clara se pensarmos no gigante Anteu como o comandante de um exército que podia receber, permanentemente, reforços do interior de sua pátria. Para batê-lo, Hércules precisava cortar suas linhas de comunicação, *isolá-lo da terra*. É interessante notar que Tingis é o antigo nome da atual Tânger, cidade africana junto às costas do Mediterrâneo, próxima ao Estreito de Gibraltar (que os gregos chamavam de *Colunas de Hércules*) e junto aos Montes Atlas. E é também interessante lembrar que Platão referiu-se no *Crítias* à batalha em que os

Atlantes teriam sido vencidos pelos gregos. Hércules, como Anteu, surge aqui como um comandante, e não como um lutador solitário.

Mas, se nos primeiros trabalhos - aqueles realizados em terras gregas - Hércules buscava a domesticação do ambiente, o que ele buscava naqueles trabalhos que o levaram a enfrentar povos estranhos e terras distantes? Ele vai à Trácia e doma os cavalos de Diomedes. Cruza o Mar Negro no comando de um exército de heróis para capturar o cinto da rainha das Amazonas. Vai ao extremo ocidental do mundo, na distante Eritéia, em busca dos bois de Gerião, e conquista, em terras africanas (ou “atlantes”) o fruto do Jardim das Hespérides. Na sequência, vemos a domesticação dos animais, a prevalência do patriarcalismo, a pecuária e a agricultura.

Depois disso, resta-lhe apenas descer aos infernos, percorrer o caminho iniciático de morte e renascimento que o liberta do domínio de Eristeu (o protótipo do monarca tirano) e lhe destina a imortalidade.

Hércules não é, portanto, uma simples lenda. O pesquisador não-ortodoxo francês Louis Charpentier<sup>1</sup> sugere que "héraclès" não seria um nome, mas antes um cargo, tendo havido, assim, diversos "héraclès" que, incumbidos de tarefas civilizatórias, teriam dado origem à saga dos trabalhos. Não cabe discutir a validade desta assertiva, mas, de qualquer forma, é inegável que a figura de Hércules se confunde com a própria Grécia Antiga, ou remete a tempos ainda anteriores, aos quais os próprios heróis da Ilíada se referiam como um passado longínquo. Os feitos daquele povo da Idade do Bronze, portanto, embora parcialmente esquecidos pelo registro histórico, tornaram-se eternos ao serem revistos e contados nas lendas que criaram o seu herói civilizador nacional. Limpando suas terras, eliminando epidemias, conquistando novos territórios, criando animais, plantando e colhendo e, por fim, libertando-se dos tiranos e criando a democracia, eles percorreram o longo caminho desde a escuridão do Hades até a imortal existência no Olimpo das civilizações.

Por fim, vale acrescentar que a linha de raciocínio que seguimos aqui, com o exemplo do Hércules grego, pode ser igualmente aplicada a várias outras figuras mitológicas de heróis, semideuses e deuses. Talvez o que diferencie a categoria em que colocavam seus personagens míticos civilizatórios os povos que os criaram, dependa apenas da própria auto-imagem desses povos, ao sistematizar sua mitologia. O Lugh celta, o Odin escandinavo ou o egípcio Osíris, assim como Hércules, representam, ou representaram em um determinado momento, a pujança de um povo. Afinal, não podemos nos esquecer que Hesíodo, ao nos descrever a *Titanomaquia*, a batalha dos

deuses, conta como a participação de um mortal - o próprio Hércules - foi decisiva. Acabado o tempo mítico, era chegado, enfim, o tempo dos homens.

**Nota:**

<sup>1</sup> CHARPENTIER, Louis. *Os gigantes e o mistério das origens*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.